TDAH- TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE: UMA REALIDADE PRESENTE NA SALA DE AULA

GISELE OLIVEIRA DE BRITO

RESUMO:

Sabe-se que as crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade é uma realidade na sala de aula. Pais e professores fazem queixas frequentemente a respeito deste comportamento que a criança apresenta. Por vivenciar na prática o cotidiano destes pais e professores, sistematizei algumas informações coletadas e registrei respostas para algumas questões: O que é Hiperatividade? Quem faz o diagnóstico? Quais são as causas? Qual é a função da escola? E o professor como deve proceder? O que significa inclusão? Como se dá o desenvolvimento da criança nesta idade? Como lidar no processo ensino-aprendizagem? As respostas apresentadas minimizam dúvidas e podem contribuir para que a criança e sua família tenham uma qualidade de vida melhor, um bom desempenho educacional e uma integração social satisfatória. Além de permitir algumas respostas, este artigo favorece a reflexão sobre os anos da infância.

PALAVRAS-CHAVE: Hiperatividade. Integração social. Ensino-aprendizagem. Desenvolvimento. Diagnóstico.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desse estudo é discutir sobre práticas e intervenções pedagógicas que visam atender as necessidades específicas dos estudantes com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Este artigo foi realizado a partir de pesquisas bibliográficas, e fundamentado no artigo de Abram Topczewski, que tratam sobre a importância da relação entre a comunidade escolar e os pais, e como identificar as possíveis causas do TDAH. Jean Piaget, Freud, Wallon e Vygotsky também trazem considerações significantes a cerca da aprendizagem.

A partir de vivências nos espaços educacionais, pôde-se notar que alguns educadores têm dificuldades em lidar com as demandas trazidas pelas crianças com TDAH. Quando se sabe que se trata de uma criança com esse tipo de transtorno, e que por esse motivo ela vem tendo prejuízos significativos em suas relações e desenvolvimento integral, é preciso repensar as práticas e desenvolver estratégias que garantam que ela seja atendida de maneira adequada às suas necessidades. Percebe-se, então, o quanto é importante conhecer o aluno e saber qual é a sua necessidade específica.

A partir disso, essa pesquisa tem como intuito contribuir com a formação docente, trazendo reflexão sobre as práticas e informações relevantes que trarão conhecimento sobre o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. HIPERATIVIDADE: DEFINIÇÃO

A partir do século XIX a escola tornou-se obrigatória, tendo um papel fundamental na vida social dos indivíduos. Desde então foram surgindo dificuldades de aprendizagem que passaram a ser tratadas como um problema ou até mesmo como doença. São vários os fatores determinantes para justificar o fracasso escolar, e a Hiperatividade é um deles. Neste mesmo século, surgem as primeiras referências ao TDAH, porém, esta nomenclatura constantemente sofre alterações. Somente a partir da década de 1970 que esta descrição passa ser usada no diagnóstico de crianças e adolescentes em fase escolar. Em 1994, o Manual Diagnóstico Estatístico das doenças Mentais, o DSM-IV, denominou-a como Transtorno de Déficit de Atenção / Hiperatividade, utilizando como critério os sintomas desatenção e hiperatividade impulsiva. De acordo com Benczik (2000, p. 25): "O DSM-IV define o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade como um problema de saúde mental, considerando-o como um distúrbio bidimensional, que envolve a atenção e a hiperatividade impulsividade".

Os dados estatísticos apontam que cerca de 3% a 6% das crianças em idade escolar são portadoras do TDAH. As características do TDHA é um padrão significante de desatenção, mais frequente do que o identificado em crianças da mesma idade, em questão ao nível de desenvolvimento.

O TDAH aparece, em geral, antes dos sete anos e não tem cura. O que existe é uma melhora do quadro à medida que a criança atinge a idade adulta. Essas crianças têm uma grande dificuldade em realizar atividades que envolvam atenção, não atendem às instruções de pais e professores, mudam frequentemente de tarefas, não conseguem realizar por completo os deveres escolares, evitam atividades que requer esforço mental, distraem-se com facilidade, têm dificuldade de brincar com outras crianças, falam em excesso. Essas manifestações aparecem nos mais diferentes lugares, porém é muito raro a criança apresentar todos os tipos de disfunções em todos os lugares, aparenta um dia estar bem e no outro pode ter dificuldades. Benczik (2000, p. 25) esclarece, "Os sintomas aparecem frequentemente cedo na vida da criança, mas torna-se mais graves a partir do ingresso desta na escola, porque, durante o processo de aprendizagem escolar a criança

necessita focar sua atenção e permanecer sentada, durante as aulas".

2.2. QUEM FAZ O DIAGNÓSTICO?

Na maioria das vezes os primeiros a identificar o problema são os professores, pois notam que a criança tem um comportamento mais agitado do que as outras crianças.

É importante que os professores observem o comportamento desses alunos e comuniquem aos pais para que eles possam procurar o profissional adequado e assim ter a chance de fazer uma parceria entre os profissionais envolvidos e a família da criança, pois todos são agentes importantes para que se desenvolva um trabalho de qualidade. A este respeito Topczewski (1999, p 24) afirma, [...] "Quando existe suspeita de Hiperatividade, a criança deve ser encaminhada para uma avaliação especializada com profissionais habilitados nesta área, seja neuropediatra, psicólogo, fonoaudiólogo ou psicopedagogo".

Para a psicóloga Maristaine, as escolas, em geral, lidam mal com o problema por desconhecimento do transtorno, pelo excesso de normatização e pela falta de parceria com profissionais como psicopedagogos e psicólogos para acompanhar a evolução desses alunos e orientar pais e professores.

2.3. POSSÍVEIS CAUSAS DO TDAH:

Considera-se haver desequilíbrio neuroquímico cerebral, provocado pela produção insuficiente de neurotransmissores (dopamina, noradrenalina) que são responsáveis de passar informações para diferentes partes do cérebro.

[...] Estudos com ritalina mostram que a medicação aumenta a quantidade dessas substâncias no cérebro, diminuindo os sintomas do TDAH. As evidências parecem apontar para um problema na quantidade de dopamina e noradrenalina que é produzida no cérebro de pacientes com TDAH. Contudo a idéia de que o TDAH seja causado por uma melhor quantidade de um ou dois neurotransmissores permanece promissora, mas ainda não há provas. (BENCZIK, 2000, p. 30)

Várias são as causas que podem comprometer o cérebro da criança proporcionado para que ela adquira o TDAH.

Pode ser um fator genético ou através de substâncias ingeridas na gestação, sofrimento fetal, exposição a chumbo, problemas familiares, esses fatores criam um ambiente favorável para que o distúrbio se manifeste.

2.4. PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO: A CONSIDERAÇÃO AO PSICOLÓGICO

Numa outra perspectiva - e considerando que ainda "não há provas" e sim pesquisas a respeito do desequilíbrio cerebral (de acordo com Benczick na citação acima) e que fatores ambientais (in útero) ou genético podem associar-se a causas -, passemos a considerar pesquisadores da Psicologia do Desenvolvimento, cujo olhar se lança na construção subjetiva, vinculada mais estreitamente à interação sujeito-mundo, resultando num aparato psíquico (e não simplesmente tendo como referência o cérebro).

Para Piaget, a criança é quem constrói o seu próprio conhecimento, estão constantemente interagindo com o mundo. Segundo Piaget, a criança passa por etapas, que vão sendo redimensionadas na medida em que vai passando de uma etapa para outra, sofrendo reorganizações em seus esquemas anteriores, resultado das interações sujeito-mundo. Piaget denominou essas etapas em "períodos ou estágios do desenvolvimento".

Vamos focar no período Pré-operatório, que vai dos 2 aos 7 anos e corresponde a primeira infância. É neste período que a criança começa a frequentar a escola e ocorre o aparecimento da linguagem, fator muito importante que contribui para modificações nos aspectos intelectuais, afetivo e social da criança. A criança, nesta idade, é egocêntrica não consegue se colocar abstratamente no lugar do outro, tudo deve ter explicação que se relaciona ao seu modo subjetivo de vivenciar o mundo, e não é ainda capaz de um pensamento lógico operacional (que ocorrerá no próximo período). A criança nesta fase faz relações mentais pré-lógicas, o que significa que ainda possui obstáculos às operações mentais lógicas, que são: irreversibilidade, fixação na aparência estática e egocentrismo. No período pré-operatório ainda não são possíveis operações mentais reversíveis - que são próprias do período operatório (de 7 a 11 anos) e permite o pensamento lógico cuja característica é a objetividade, que assim supera o procedimento até então baseado na subjetividade e na percepção imediata, do período anterior.

Freud aborda que a "sexualidade" que molda determinados comportamentos desde a infância. O conceito de sexualidade destacado por Freud não se confunde com a característica genital. As pulsões que comandam a pressão à satisfação vinculam-se a relação com o Outro dos cuidados infantis. No desenvolvimento humano, isso se refere, a princípio, a relação da criança com próprio corpo (auto-erotismo), à imagem de si (narcisismo) e a escolha de objeto (no tempo edípico). De acordo com Freud, essas dimensões sempre refletem o vínculo afetivo com o Outro (cuidador) e a busca do prazer é a motivação para o comportamento das crianças e o foco desse prazer muda de acordo com

a fase que a criança se encontra (fases oral, anal e fálica).

Na fase fálica, que vai dos 4 aos 6 anos aproximadamente, a atenção da criança está voltada para a região genital, momento em que ela cria uma imagem sobre si mesma; inicialmente a criança imagina que todos têm pênis, tanto meninas como meninos, ou seja, há uma indiferença quanto ao gênero sexual. Ao perceberem as diferenças entre os sexos, as meninas pensam que não tem pênis porque foi arrancado, sentindo-se assim incompletas. Neste período que surge o complexo de Édipo, onde o menino – vivendo uma atração pela mãe - passa a rivalizar-se contra o pai; nas meninas, há um deslocamento de seu amor, de sua mãe para seu pai.

A criança começa explorar o meio no qual está inserida em busca de descobertas, e descobre que existem restrições que são impostas, logo irá manifestar seu desagrado através de birras e choros, porém, estará aprendendo a conviver com algumas limitações.

Este período apresenta obstáculos e deixa a criança à mercê de suas percepções, não privilegiando as transformações mentais.

Wallon propõe que se estude o desenvolvimento infantil tendo a criança como ponto de partida, buscando compreender suas manifestações no conjunto de suas possibilidades. Este desenvolvimento, segundo Wallon, se dá através de fases.

O estágio do personalismo, proposto por Wallon, vai dos 2 anos aos 5/6 anos, momento em que a criança está formando sua personalidade. Ela começa desenvolver a construção da consciência de si mediante as interações sociais, faz com que as idéias atinjam o sentimento de propriedades das coisas. Dantas (1992, p.95), comenta "A construção do Eu é um processo condenado ao inacabamento: persistirá sempre, dentro de cada um, o que Wallon chama de "fantasma do outro".

2.5. COMO LIDAR COM O ENSINO-APRENDIZAGEM?

Segundo Vygotsky existem mudanças na vida social e material, que produzem mudanças na vida mental do indivíduo, portanto, devemos saber como interagir com o outro. A criança hiperativa não reage bem com brigas, gritos, barulhos ou qualquer tipo de violência. O que ela necessita é de estímulo dos pais e professores. Por mais simples que seja a atividade desenvolvida, a criança concentra um grande esforço, e mediante qualquer insatisfação desiste de realizar a tarefa.

O acompanhamento de um psicopedagogo é muito importante, pois ele atua especificamente na dificuldade escolar apresentada pela criança, possibilitando assim condições para que novas aprendizagens ocorram.

Precisamos canalizar estas energias que a criança concentra em atividades prazerosas, e, neste sentido, as técnicas mais utilizadas são os jogos de exercícios sensório-motor. Os jogos de regras proporcionam a interação social da criança, além de impor limites, saber participar, ganhar, perder, ajuda desenvolver o cognitivo, possibilitando para a criança oportunidade de identificar onde errou, tendo a chance de refazer de maneira correta.

Despertar gosto pela leitura é uma outra técnica que podemos utilizar, podemos abordar assuntos e temas que fazem significados para a criança, além de estar possibilitando o conhecimento de diferentes livros, revistas e gibis.

Contos de fadas e suas dramatizações podem contribuir para a interação da criança com o restante do grupo, devemos adaptar os tipos de tarefas devido o nível de aprendizado que a criança se encontra.

O professor deve proporcionar tarefas curtas. Se for longo, o professor deve dividir em tarefas menores para que a criança não tenha a sensação que a tarefa seja longa, devendo sempre valorizar as tarefas que a criança consegue cumprir.

Para Jean Piaget, a aprendizagem é a mobilização dos esquemas mentais do indivíduo, que o leva a participar ativa e efetivamente da ação de adaptar-se ao meio, quer pela assimilação, quer pela acomodação. Por outro lado, é através da aprendizagem que o indivíduo exerce uma ação transformadora sobre o meio ambiente. A aprendizagem também exerce uma função adaptativa.

A criança hiperativa necessita de um programa pedagógico adequado às suas necessidades e o professor que irá recebê-lo deve ter a consciência de que ela precisa desse suporte.

Os hiperativos precisam ser motivados, necessitam estar envolvido no planejamento diário. Na sala de aula devem realizar tarefas a todo tempo. Segundo Rizzo (1985, p. 307), devemos "[...] proporcionar atividades variadas que ocupem a criança o maior período possível, dando a ela liberdade de escolha e de movimentos".

O prejuízo para uma criança hiperativa vai muito além do baixo rendimento escolar. Muitas vezes, a falta de atenção vem acompanhada de dificuldades auditivas, de linguagem e de escrita. "Eles escrevem mal e lêem bem, mas não entendem o significado do que lêem", diz Ana Maria Maaz Alvarez, vice-presidente do Conselho Regional de Fonoaudiologia.

Esses alunos devem ficar nas primei-

ras fileiras e nos assentos do meio. O professor nunca deve dar as costas para o aluno quando estiver explicando algo, mas chamar sempre a sua atenção com olhar. As instruções devem ser curtas, diretas e repetidas para ajudá-lo a memorizá-las. Deve-se evitar também dar várias instruções ao mesmo tempo.

2.6. ESCOLA E INCLUSÃO

Do ponto de vista da inclusão, qualquer aluno pode e deve participar da vida escolar, e as escolas devem organizar-se administrativa e pedagogicamente para isto. É necessário implantar projetos que atendam as necessidades dos professores, pais e alunos para que essa inclusão não seja feita de qualquer jeito.

A inclusão não é necessariamente somente para os alunos portadores de deficiências, mas para todos que apresentem um quadro de dificuldades de aprendizagem ou no desenvolvimento. Segundo Carvalho (2007, p.29), "[...] as escolas inclusivas são escolas para todos, implicando num sistema educacional que reconheça e entenda às diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer dos alunos".

O objetivo da inclusão de crianças hiperativas nas escolas é o de criar uma interação com o outro. É importante que haja um respeito às limitações dos alunos e a escola deve estar preparada para essa diversidade. As resistências encontradas sejam dos professores sejam dos familiares destes alunos precisam ser considerados neste contexto de dificuldades para remoção de barreiras da educação inclusiva.

Para incluir (inserir, colocar em) um aluno com características diferenciadas numa turma dita comum, há necessidade de se criarem mecanismos que permitam, com sucesso, que ele se integre educacional, social e emocionalmente com seus colegas e professores e com os objetos do conhecimento e da cultura. Tarefa complexa, sem duvida, mas necessária e possível. (CARVALHO, 2007, p 160)

Segundo a educadora Maria Tereza Mantoan, muita gente continua achando que o melhor é excluir e manter as crianças em escola especiais, porém é direito de todos freqüentar a escola regular.

Os professores quando se deparam com a inclusão, por muitas vezes são resistentes alegando o não preparo para tal fato.

Eles esperam uma preparação para ensinar os alunos com deficiência e/ou dificuldades de aprendizagem e problemas de indisciplina, ou melhor, uma formação que lhes permita aplicar esquemas de trabalho pedagógico pré-definidos a suas salas de aula, garantindo, assim, a solução dos problemas que presumem encontrar nas escolas ditas inclusivas.

A estrutura de ensino foi elaborada para receber um aluno ideal, com supostos padrões de desenvolvimento emocional e cognitivo, fazendo uma previsão e planejando o ensino pautado nela. A partir dessa visão, é que podemos observar que as escolas não estão preparadas para receber alunos diferenciados.

Quando se pensa em educação devemos pensar em diferença, pois ela apresenta-se como elemento fundamental da educação e condição para pensar a inclusão.

"A oposição dos valores bem/mal é substituída pela diferença qualitativa dos modos de existência bom/mau" (Deleuze, 2002, p. 29).

2.7. A DEMANDA INFANTIL X PADRÕES EDUCACIONAIS

É comum a criança ser ativa, às vezes em excesso podendo ser considerado normal. Na escola ocorre algo parecido quando a criança não tem interesse pela aula torna-se "bagunceira", o que caracteriza a indisciplina. De acordo com Carvalho (2007, p.59): "As dificuldades dos alunos têm sido atribuídas a diversas causas como hiperatividade, disritmias, deficiência mental e a diferentes doenças que interferem no 'seu juízo', segundo a fala de muitos de nossos professores. Em decorrência, costuma ser considerado como alguém que 'não aprende".

A escola atualmente apresenta grande dificuldade em lidar com crianças, que por conta das consequências estruturais familiares e sociais. Estas crianças passam boa parte do tempo na frente da televisão, computadores e jogos eletrônicos, onde grande parte do seu desenvolvimento é moldado. Essas novas tecnologias fazem parte do cotidiano dos nossos alunos. Elas acabam sendo classificadas como "problema" quando apenas são sujeito do seu próprio tempo, tempo este que exige do professor novas habilidades e metodologias de ensino.

[...] é importante entender a aprendizagem que, mesmo como processo individual, exige de nós conhecer e reconhecer o contexto em que se desenvolve. Esse aspecto é de maior relevância para evitarmos os rótulos injustamente aplicados ao aluno, gerando lamentáveis conseqüências. Percebido como incapaz cria uma imagem desvalorizada de si mesmo que, além de sofrimento psíquico, acaba produzindo mecanismos reativos de acomodação ou de agressividade manifesta. (CARVALHO, 2007, p 59)

Os professores devem ser capazes de promover a aprendizagem cognitiva profunda, aprender ensinar por meios que pelos quais não foram ensinados, comprometer-se

com a aprendizagem profissional contínua, tratar os pais como parceiros na aprendizagem, desenvolver e elaborar projetos que contribuam para o desenvolvimento cognitivo da criança. A criança hiperativa requer habilidades do professor, portanto, o professor deve estar comprometido e permanentemente engajado na busca do aprimoramento, analisando sempre sua própria aprendizagem profissional, para que possa atender as necessidades dos alunos na sua particularidade.

3. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário grande reflexão das práticas educacionais, já que há muitos desafios no meio do trajeto que precisam de ações, intervenções e mediações para garantir o acesso, a permanência, a equidade e a inclusão de todos. Respeitar a especificidade de cada indivíduo e atendê-las não é uma tarefa simples e requer atenção, formação, comprometimento e investimento por parte do sistema educacional e de todos os envolvidos. O professor deve analisar as informações e teorias para construir conhecimentos sólidos que venham fundamentar suas práticas pedagógicas, de maneira a promover a inclusão, a igualdade e equidade utilizando para isso de ferramentas e recursos que facilitem o acesso do estudante ao conhecimento. O professor deve ser reflexivo, sob uma perspectiva crítica do atual contexto educacional, perceber a forma como a ampliação do conhecimento pode contribuir para seus próprios processos de reflexão e ação. Com muito estudo, conhecimento, reflexão e planejamento é possível atender as necessidades dos estudantes com TDAH. Além de promover a inclusão nos espaços educacionais, garantir o acesso, a permanência, a qualidade e o desenvolvimento integral.

REFERÊNCIAS

BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni; Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade.2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. 110 p.

CARVALHO,Rosita Edler; Educação Inclusiva: Com os Pingos nos “is”.5.ed. Porto Alegre: Mediação, 2004. 176 p.

DELEUZE, G. Espinosa; Filosofia Prática.1. ed. São Paulo: Escuta, 2002. 135 p.

RIZZO, Gilda; Educação Pré-Escolar. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985. 344 p.

TAILLE,Yves de La; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. PIAGET, VYGOTSKY, WALLON: Teorias psicogenéticas em discussão. 20.ed. São Paulo: Summus, 1992. 120 p.

TOPEZEWSKI, Abram; Hiperatividade: como lidar? São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.89 p.

BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni; Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade.2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. 110 p.

TAILLE,Yves de La; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. PIAGET, VYGOTSKY, WALLON: Teorias psicogenéticas em discussão. 20.ed. São Paulo: Summus, 1992. 120 p.

VIGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Tradução por Maria da Penha Villalobos. 7ª ed. São Paulo: Ícone, 2001.